

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
LICENCIATURA EM PEDAGOGIA

CAROLINE DE OLIVEIRA SANTANA DA SILVA

**EDUCAÇÃO AMBIENTAL ECOSSOCIALISTA NA EDUCAÇÃO INFANTIL:
ESTRATÉGIAS PARA UM ENSINO ANTICAPITALISTA**

Rio de Janeiro

2023

CAROLINE DE OLIVEIRA SANTANA DA SILVA

**EDUCAÇÃO AMBIENTAL ECOSSOCIALISTA NA EDUCAÇÃO INFANTIL:
ESTRATÉGIAS PARA UM ENSINO ANTICAPITALISTA**

Monografia de Conclusão de Curso apresentada ao Curso de Licenciatura Plena em Pedagogia da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como requisito parcial para obtenção do título de Licenciada em Pedagogia.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Maria Jacqueline Soares Girão Lima

Rio de Janeiro

2023

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
LICENCIATURA EM PEDAGOGIA

CAROLINE DE OLIVEIRA SANTANA DA SILVA

**EDUCAÇÃO AMBIENTAL ECOSSOCIALISTA NA EDUCAÇÃO INFANTIL:
ESTRATÉGIAS PARA UM ENSINO ANTICAPITALISTA**

Monografia de Conclusão de Curso apresentada ao Curso de Licenciatura Plena em Pedagogia da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como requisito parcial para obtenção do título de Licenciado em Pedagogia.

Aprovada em: ____/____/____

BANCA EXAMINADORA

Orientadora: Prof.^a. Dr.^a Maria Jacqueline Soares Girão Lima

Prof.^a. Dr.^a. Deise Arenhart

Prof. Dr. Reuber Gerbasi Scofano

Rio de Janeiro

2023

Dedico este estudo a todes que lutam por uma educação que olhe a criança como ser potente, único e encantado. Que possuem um olhar sensível e amoroso para os seres que habitam nosso planeta e tudo o que nos cerca, trazendo novos olhares e ressignificando antigas metodologias para que o desabrochar das crianças possa ocorrer de forma brincante e respeitosa, formando seres voltades para a construção de uma sociedade mais equânime, unida e amorosa.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a mim mesma, primeiramente, por ter conseguido alcançar essa vitória, de estar me formando numa universidade pública e de qualidade como a UFRJ, mesmo com tantos percalços no caminho, consegui realizar um feito enorme para mim e para minha família! Agradeço à vida por ter me dado tantas pessoas amigas e comprometidas a me ajudarem a caminhar para a construção de um lugar mais amoroso e fraterno, além de minha mãe e irmão que me deram todo o acolhimento necessário para adentrar nesse caminho tempestuoso que é viver. Sem o direcionamento deles não conseguiria seguir de forma tranquila e apreciando os momentos profissionais e amadores que foram aparecendo. Obrigada por tanto, tanta alegria compartilhada, momentos de esclarecimento e reflexão. À minha mãe, dona Maria que me fez enxergar luz nos momentos mais difíceis da minha graduação, me dando força com suas broncas e conselhos. Ao meu irmão Rodolfo que sempre me incentivou aos estudos e pelas suas conversas no carro, que enchiam o saco, mas foram necessárias para que eu caminhasse adiante. Às minhas 3 mosqueteiras: Deisiane, Luane e Elizabeth Ingrid que me acolheram em todas as minhas angústias, me escutaram e fizeram com que tudo fosse mais leve, com muitas risadas, mas com enormes reflexões e aprendizados sobre tudo que nos permeia. Ao Pedro Paulo que foi um encontro inesperado, mas que foi de muita importância nesse processo, me ajudando com o texto e me dando dicas valiosíssimas para o enriquecimento do meu trabalho. À todas as professoras que tive a alegria de compartilhar os conhecimentos, que me influenciaram nesse caminho árduo da educação, mas tão importante para a construção de uma sociedade sonhada para o bem-estar de todos. À todas as escolas em que trabalhei, que me formaram e me fizeram traçar estratégias e saberes para eu me constituir como a professora que quero ser nesse breve presente-futuro. Ao grupo EAPEB que me acolheu e me recebeu de braços abertos nessa trajetória com conversas que me fizeram ressignificar meu olhar sobre a educação e sobre o meio ambiente. Dentre desse grupo conheci minha orientadora Maria Jacqueline Girão, que me conduziu na árdua tarefa de realizar a escrita desse texto, muito obrigada! À UFRJ, que fez aflorar em todos os sentidos meu lado político e problematizador de ver tudo o que me rodeia, e pelas lindas amizades que pude ter o privilégio de fazer nesse percurso. Agradeço demais à minha fé, que me levou a lugares de extrema importância para meu crescimento espiritual, mental e físico. À mamãe Oxum que sempre me guiou, protegeu e mostrou caminhos a serem seguidos. Minha gratidão é eterna com vocês que fazem parte do meu seguir, da vida que

estou percorrendo nesse pequeno espaço e cosmos. Só tenho a agradecer a todos nesse processo que continuará por um longo trajeto.

E a cada banho de sangue
Um banho de desesperança
E a cada bala vendida
Um corpo que vai pra lama

Mata a minha sede
Refresca minha lembrança
Um presidente que diz plau depois pergunta
Isso é matança?

Patrimônio do Brasil é o futuro da criança
Nossa maior riqueza é o sorriso da criança
Slogan do governo é “vou cuidar dessa criança”
Mas se ver a pele preta, vai matar essa criança

Criolo – Sétimo Templário

RESUMO

O presente trabalho apresentou-se como um caminho para pensar uma educação comprometida com o meio ambiente, com o social e o emocional, devido ao caos socioambiental instaurado pelo capitalismo. Pensar numa sociedade voltada para o bem-estar planetário é um desafio que nos motiva cada vez mais a educar para a construção de espaços que possam apoiar e compartilhar o amor, o cuidado e a alegria em prol de criarmos um Planeta mais igualitário, socialmente e ambientalmente mais harmônicos. Assim sendo, pensar nas infâncias e o espaço da escola como ambiente para florescer esse novo projeto de sociedade, é propício e significativo. Objetivando estratégias que não são receitas prontas e inacabadas, o trabalho se propõe a traçar possíveis caminhos para encontrarmos um percurso mais respeitoso com todas as formas de natureza, inclusive a do ser humano e mais precisamente voltado para as crianças e o seu processo educativo formal. Baseado nas pensadoras e professoras Lea Tiriba, Jacqueline Lima, Patrícia Gonçalves e no pensador e professor Michael Lowy problematizo e mostro caminhos para pensarmos a construção coletiva de sociedade, visando um olhar mais amplo e menos individualista. O Ecosocialismo e a infância aliados à educação, são o cerne desta questão para construirmos uma outra forma de sociabilidade no planeta. As estratégias aqui trazidas têm o intuito de provocar e alertar sobre o caos que estamos inseridos, e mostrar algumas possibilidades para encontrarmos a tão esperada luz no final do túnel mudando assim hábitos para a transformação do espaço que queremos coabitar, a Terra.

Palavras-chave: infância, natureza, Ecosocialismo, educação infantil, educação

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	9
2	OBJETIVO	11
3	METODOLOGIA	12
4	ORGANIZAÇÃO DOS CAPÍTULOS	12
5	INFÂNCIA NOS ESPAÇOS ESCOLARES	13
6	ECOSSOCIALISMO: UM CAMINHO PARA A MUDANÇA SOCIOAMBIENTAL	17
7	A IMPORTÂNCIA DO ECOSOCIALISMO NA EDUCAÇÃO INFANTIL PARA CONSTRUÇÃO DE UM NOVO IDEAL PEDAGÓGICO	20
8	CONSIDERAÇÕES FINAIS	23
	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	25

1 INTRODUÇÃO

O trabalho que será apresentado, surge a partir de um estudo produzido no grupo de pesquisa e extensão, EAPEB (Educação Ambiental com Professores da Escola Básica), no qual fizemos leituras e debates sobre a perspectiva do Ecosocialismo em 2020 e 2021. Iniciei minha participação no coletivo a partir da creditação de horas de extensão e atualmente sou bolsista PROFAEX, atuando na organização das redes sociais do projeto. No EAPEB, criamos um espaço de discussão sobre as relações entre educação, infância e natureza e, a partir desse debate, estamos construindo o ebook “Infâncias Ecosocialistas”. A ideia é pesquisar e criar estratégias didáticas que contribuam para pensar sobre a relação entre infância e natureza, em uma perspectiva ecosocialista.

O EAPEB nos estimula a pensar em uma educação voltada para as questões socioambientais, para os sujeitos e tudo o que nos constitui como natureza. Poder observar e participar dessa forma, junto às infâncias, é muito gratificante, pois me possibilitou observar e me inserir de forma a contribuir positivamente para a construção de uma nova forma de pensamento e de ação, expandindo conhecimentos e posicionamentos perante o mundo.

Pensar nas infâncias, reflete sobre o quanto estamos de fato utilizando o espaço da educação para a construção de uma sociedade mais equânime, com direitos e oportunidades realmente significativas. Esta monografia em conjunto com o ebook que estamos criando, vem surgindo da necessidade de iniciar essa troca significativa sobre a Educação Ambiental (EA) nas escolas e espaços de educação infantil. Atuar nesse segmento nos fez perceber as lacunas na formação para uma educação voltada para o cuidado de si, do outro e do ambiente, podendo gerar, assim, um bem viver.

A minha experiência na Educação Infantil, desde 2018, se passa dentro de escolas do ensino privado. Pude observar crianças pequenas (1-6 anos) sendo estimuladas a já demonstrarem suas ideias e defendê-las desde muito cedo, tornando-as conscientes e presentes na sua posição enquanto indivíduo do mundo, elevando sua autoestima e confiança. Em contrapartida, esse sistema de ensino tende a reproduzir uma sociedade que corrobora para o colapso ambiental e social em que estamos inseridos, contribuindo

para o apagamento dos saberes culturais originários, dos cuidados com o nosso meio, de mundo compartilhado e de conexão com a mãe Terra.

Não podemos generalizar, pois cada espaço é diferente e cada experiência única, mas foram essas nuances que observei no meu percurso formativo dentro dessas instituições. Nesse contexto observei que muitos professores e professoras não demonstraram maiores preocupações com o que vem acontecendo no mundo, ou se trazem essas discursões no seu currículo, o fazem de forma rasa e mais na onda da “moda sustentável”, não trazendo discursões significativas e de mudança para o centro das conversas com as crianças pequenas e nem entre seus pares nas formações de equipe.

Assim, podemos observar que a educação é um campo disputado por diversas esferas, pois é nela que depositamos o futuro da sociedade em questão. Ela se tornou um direito assegurado por lei para todos os cidadãos, em 1934 com a nova Constituição Federal. Com essa figuração da lei, o campo educacional tornou-se centro das lutas políticas, com pessoas ativamente engajadas, mas cada um defendendo seu modelo social, principalmente econômico.

Segundo PILOTO:

No Brasil e na América Latina, a década de 1970 é marcada pela luta democrática em um contexto de governos autoritários. [...] é principalmente nos anos 1980, no contexto do processo de redemocratização e abertura política que entram em cena os novos movimentos sociais, entre eles o ecologismo, com as características contestatórias e libertárias da contracultura. [...] Nos anos 1980 e 1990 houve progressivo diálogo e aproximação, com mútua influência, entre as lutas ecológicas e os movimentos sociais urbanos, os movimentos populares de um modo geral e a ação política da educação popular. [...] Em 1997, a COEA/MEC era responsável pela produção de materiais didáticos e estabelecia parcerias para disseminar a EA em diferentes setores, em destaque os Centros de EA (CEAs). Neste período, estavam aquecidos os debates em torno de uma futura lei para estabelecer a política nacional de EA que resultou no lançamento da primeira série dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN), com forte repercussão na esfera escolar em todo país. (PILOTO, 2018, p. 22, 23 e 24)

O modelo de EA desde sua implementação não vem apresentando melhorias significativas ao longo do tempo, nem em sua prática pedagógica e nem mesmo um olhar sensibilizado para e com a sociedade, que continua alienada sobre os reais efeitos do capitalismo para a Terra. Podemos observar também a luta das populações mais pobres,

na busca de uma melhor educação para seus filhos, mas essa educação também é voltada para o mercado, para a competitividade e busca de mais capital, que julgam necessário para a sobrevivência. Em contrapartida o surgimento das escolas privadas vem, cada vez mais, perpetuando e afirmando os caminhos desiguais dentro da sociedade, tornando ainda hoje um grande abismo, que mantém os privilégios para a elite do país em oposição aos territórios desassistidos para a parcela com menor poder aquisitivo.

As pautas ditas ecológicas começaram a aparecer recentemente, e quem acaba sofrendo com suas implicações são os menos favorecidos, surgindo assim também o racismo ambiental, que se figura na nossa sociedade, devido ao racismo estrutural. A responsabilização do caos climático recai sobre todos, mas segundo Jacobi (2003, p. 16) “não podemos mais tolerar a corresponsabilização de forma única e unilateral, as empresas, e pessoas que mais poluem tem que ser mais responsabilizadas pelas mudanças que o clima vem tomando” (*apud* PILOTO, 2018, p. 16)

Nesse trabalho, pretendo buscar elementos e estratégias para pensar em uma educação emancipatória, andando na contramão das necropedagogias, do colonialismo, dentre tantos formatos que minam nossa própria cultura, nossos saberes ancestrais, nossa relação com a natureza. Pensei nessas estratégias para uma Educação Ecosocialista desde a Educação Infantil pautadas em teóricos que se sensibilizam, estudam e buscam novas formas de viver, educar e estar no mundo.

2 OBJETIVO

Este estudo tem como objetivo demonstrar sinergias entre a educação ambiental crítica e a educação infantil, buscando alinhar abordagens teóricas à prática educativa, criando espaços de potências, experiências, relação com as diversas formas de ser e estar no mundo, sempre em diálogo com a criança que é a protagonista da sua construção de conhecimento.

3 METODOLOGIA

A metodologia de investigação será a pesquisa bibliográfica, a partir de registros de documentos utilizados na construção do ebook *Infâncias Ecosocialistas*, que está sendo criado no projeto de pesquisa e extensão EAPEB. Nesse ebook, temos como base a infância e as questões socioambientais, com propostas voltadas para crianças de 0-6 anos, dentro das instituições escolares. Trazendo temas relevantes para a transformação da relação criança e natureza, focamos nosso estudo em alguns aspectos que entendemos serem importantes para essa fase do desenvolvimento infantil, trazendo a criança para a sua própria construção como sujeito histórico, social e cultural, respeitando suas vivências e saberes. Através de atividades que visam reaproximar a criança da natureza e do universo das brincadeiras, intitulamos alguns capítulos como: Natureza e Arte; Corpo e Movimento; e Culturas. A proposta desse livro é manifestar aspectos da cultura brasileira em relação com as questões socioambientais.

Aprofundarei, então, meu estudo em algumas leituras que realizamos para a construção do ebook, como os livros de Lea Tiriba e Michael Lowy; em artigo de Jacqueline Lima e na tese de doutorado de Patrícia Gonçalves. Analiso os textos sobre Ecosocialismo e Infância com a técnica de pesquisa de documentação, onde sistematizarei e mostrarei propostas junto as informações fornecidas pelos teóricos estudados.

4 ORGANIZAÇÃO DOS CAPÍTULOS

O estudo aqui apresentado contará com três capítulos principais, trazendo uma conversa entre a educação ambiental e a educação infantil e como esses dois temas são necessários para a construção de um pensamento voltado para as mudanças socioambientais.

No capítulo intitolado Infância nos espaços escolares, abordo um pouco sobre a infância, as disputas que se encontram nesse segmento dentro das instituições escolares e possíveis estratégias para lidar com a crescente desvinculação dos seres humanos com a natureza.

No próximo capítulo Ecosocialismo: um caminho para a mudança socioambiental aparecerá conceitos acerca do Ecosocialismo, segundo o teórico Michael Lowy, e pretende-se demonstrar como esse conceito pode ser abordado nas escolas de forma a contribuir para a construção de uma educação visando as mudanças socioambientais e afetivas para o bem-estar do coletivo.

No último capítulo intitulado A importância do Ecosocialismo na Educação Infantil para construção de um novo ideal pedagógico – viso o alinhamento, dessas duas formas, de condução dos segmentos, tanto socioambientais quanto educacionais, trazendo possíveis estratégias para que essa junção pense em uma educação voltada para o respeito e acolhimento, além das formações que são importantes e que devem estar presentes na educação das professoras, das famílias e de toda a comunidade, mostrando formas a serem pensadas e repensadas para um equilíbrio mundano e de bem-estar para as crianças.

5 INFÂNCIA NOS ESPAÇOS ESCOLARES

O campo da educação é marcado por disputas políticas e a área da Educação Infantil também se insere nesse meio, pois o controle dos corpos e mentes desde muito cedo se instaura levando ao emparedamento, limitando o sentir, o falar, o se mostrar ao mundo como sujeito individual e único. “Há sempre uma disputa, pois a Educação participa da esfera da produção e da reprodução da sociedade, arena das lutas históricas, de conquistas e perdas de direitos sociais.” (GONÇALVES, 2021, p. 88)

Ao observamos como somos constituídos como parte do mundo percebemos as nuances que nos são mostradas para nos adequarmos e nos encaixarmos em espaços que parecem já estar destinados para cada indivíduo desde o berço no sistema capitalista.

Como diria Foucault (1987), seus corpos vão sendo docilizados. Sua subjetividade vai sendo modelada. Essa situação corresponde, no palco macropolítico, a um quadro socioambiental em que a natureza vai sendo também destruída. Esse duplo e simultâneo processo de degradação vai fazendo da Terra um planeta inóspito, inadequado para a vida das espécies que hoje o habitam. E nas instituições educacionais, espaços de aprisionamento, de impotência. (GONÇALVES, apud TIRIBA 2021, p. 37)

O desenvolvimento infantil perpassa pelas interações que a criança tece com o meio onde se encontra. Segundo Piaget, Vygotsky e Wallon (CRAIDY e KAERCHER, 2007), a aprendizagem se constrói nessa troca, sendo um processo dinâmico, através do contato com seu próprio corpo, com as coisas do seu ambiente, bem como a interação com outras crianças e adultos, elas vão desenvolvendo a capacidade afetiva, a sensibilidade e a autoestima, o raciocínio, o pensamento e a linguagem.

Assim, devemos como profissionais da área de educação, criarmos espaços onde toda a potência desse ser possa se mostrar e se desenvolver de forma a apontar possibilidades que convirjam com o bem-estar dentro da natureza, e que o respeito seja alcançando de forma acolhedora e cuidadosa. Segundo Lea Tiriba, as escolas funcionam como máquinas, "o corpo – o que identifica o ser humano com a natureza – ocuparia um plano secundário na escala de valores da sociedade. Por isto, nas escolas, ele continuaria emparedado, quieto, colocado a serviço da mente" (TIRIBA, 2006, p. 4). "Assim, o "emparedamento das crianças" seria uma estratégia do Capital para produzir corpos dóceis, levando aos "desequilíbrios ambientais – evidenciados num plano macropolítico - correspondem, no plano micropolítico, ao aprisionamento das crianças". (Idem, p. 13)

A professora Lea Tiriba, é educadora, ambientalista e professora na Escola de Educação da Unirio. E em seu livro intitulado "Educação Infantil como Direito e Alegria – Em Busca de Pedagogias Ecológicas Populares e Libertárias", nos mostra que "o divórcio entre corpo e mente e o distanciamento sujeito/objeto são componentes fundamentais para a produção de uma ciência que possibilita domínio e controle da natureza" (TIRIBA, 2006, p. 12 e 13). Assim sendo, somos levados a apenas utilizar a natureza e os outros, sem nos preocuparmos com o dano que estamos infringindo ao nos apoderarmos de algo ou alguém que não podemos dominar, degradando um elo que deveria ser harmonioso.

Num país socialmente desigual como o Brasil, garantir o contato das crianças com a natureza, como um direito, envolve pensar toda a estrutura econômica e política necessária, para que isso seja garantido não apenas no pátio escolar, mas também quanto à segurança, soberania alimentar, aos programas de moradia, saneamento, saúde e também quanto aos trabalhos domésticos e de cuidados, aos trabalhos de seus familiares, dos profissionais da Educação e de todo o complexo necessário para garantir o direito à

natureza e à vida, numa perspectiva crítica do entendimento destes conceitos (GONÇALVES, 2021, p. 270).

Então, como garantir um direito que deveria acompanhar toda nossa trajetória de vida? Como garantir que possamos nos conectar e ter uma ligação com a natureza, de forma saudável e respeitosa? As instituições escolares devem ser o espaço para a construção de um pensamento voltado para o socioambiental, para as pluralidades e o respeito para com tudo e todos. A intenção da educadora deve ter em conta o que as crianças trazem de suas investigações e curiosidades, partindo desse ponto precisamos enriquecer o processo de pesquisa dessa criança, criando estratégias, habilidades, trabalhando sempre o pensamento crítico e investigativo.

A aproximação com o que nos cerca deve ser feita de forma respeitosa, envolvendo todos os sentidos, cultivando afetos e promovendo o sentimento de amor genuíno.

[...] ninguém será capaz de amar o que não conhece; ninguém será capaz de preservar uma natureza com a qual não convive. Por isso, precisamos realizar uma aproximação física, estabelecendo relações cotidianas com o sol, com a água, com a terra, fazendo com que sejam elementos sempre presentes, constituindo-se como chão e como pano de fundo ou como matéria-prima para a maior parte das atividades escolares. (TIRIBA, 2021, p. 200)

Nas escolas, o olhar sensível e voltado para as necessidades do que nos cerca deve estar em total alinhamento com as práticas pedagógicas propostas no dia a dia das propostas diversificadas, trazendo para as crianças uma conexão com os diversos modos de cuidar; *cuidar é uma ação que afeta tanto quem cuida como quem está sendo cuidado* (TIRIBA, 2021, p. 178). Ao cuidarmos precisamos estar em conexão com o que deve ser cuidado, entrar num estado de atenção e nos voltarmos para esse ato com entrega e acolhimento.

Logo é nos espaços voltados para a educação que temos e devemos ter a responsabilidade de manter o planeta harmonioso e com sentido para a sobrevivência das espécies do mundo, através do cuidado que devemos implementar no nosso cotidiano. Mas como mudar uma dinâmica de sociedade e sistema econômico que já está em prática há tanto tempo?

Pensar nas estratégias para uma ação que acompanhe o pensamento que precisamos obter para uma real mudança no plano físico é um desafio enorme e preocupante, mas não impossível de acontecer. Acredito que seja necessário fincarmos nossas concepções e pensamentos para o bem coletivo e um propósito que corrobore com todos, que nos conecte à essência do que é ser humano. Conectarmos nossas vontades e ações para o respeito, compreensão, apreciação da vida, estar aberto a novos ideais e para a transformação.

Para isso, podemos nos inspirar nos grupos que já estão há um tempo nos espaços sociais lutando por uma vida em harmonia com a natureza, segundo Cruz (2012, p. 595-596) unindo forças com:

os povos indígenas, quilombolas, agroextrativistas (seringueiros castanheiros, quebradeiras de coco de babaçu), grupos vinculados aos rios ou ao mar (ribeirinhos, pescadores artesanais, caiçaras, varjeiros, jangadeiros, marisqueiros); grupos associados a ecossistemas específicos (pantaneiros, catingueiros, vazanteiros, geraizeiros, chapadeiros); e grupos associados à agricultura ou a pecuária (faxinais, sertanejos, caipiras, sitiantes-campeiros, fundo de pasto, vaqueiros) (*apud* TIRIBA, 2021, p. 261)

Necessitamos pautar nossa vida em outras lógicas, outras cosmovisões, acessar outras epistemologias, romper com o modelo colonizatório, que apenas usurpou a vida e as formas diversas de ser e estar no mundo. Vivenciar um cotidiano democrático, que possibilite o exercício do poder de questionar o que está instituído e de tomar decisões [...]. É preciso assegurar, no cotidiano da formação inicial ou continuada, espaços de exercício do poder de tomar decisões (TIRIBA, 2021, p. 257). Além disso, precisamos que as ideias e visões sejam alimentadas em espaços amorosos, com escuta ativa e conciliatória, a fim de tornar as pessoas mais presentes e ativas com os acontecimentos mundanos. Pois sabemos que pessoas alienadas de si mesmas e da realidade não são capazes de educar seres autênticos, autoconfiantes, amorosos, transformadores. (*Idem*, p. 260)

6 ECOSSOCIALISMO: UM CAMINHO PARA A MUDANÇA SOCIOAMBIENTAL

A relação da humanidade com a natureza se encontra em processo de colapso desde a Revolução Industrial, quando começou-se a produção em massa, sem nos darmos conta dos prejuízos que seriam deixados durante a nossa trajetória na Terra e, até depois de termos desencarnado. Esse sistema compromete e traz deficiência para os seres humanos desde que nascemos.

Ao trazer um bebê ao mundo, precisamos de muitos “bens de consumo” para que ele sobreviva na sociedade, pois a aparência é uma das grandes portas de entrada para estar e ser aceito no coletivo. Logo, sua família trabalhará, às vezes, em dobro, triplo, para tentar suprir todas as necessidades daquele recém-nascido. Trazendo desconfortos e até mesmo atrapalhando o sistema familiar, que atendia a uma demanda e agora precisará se desdobrar para fornecer tudo o que a sociedade impõem, não o essencial, mas o que é bem-quisto pelo sistema capitalista, gerando mais desalinhamento entre os pares e no meio ambiente, levando nosso corpo à exaustão, ao estresse e ao adoecimento.

As crianças atrapalham, numa sociedade em que o valor maior está na produção de riquezas; e, ainda mais, em que os pais trabalhadores são submetidos a baixos salários. Em vez da tranquilidade necessária à recuperação dos filhos, em vez de aconchego, de proximidade sensível, o que a situação produz é estresse, pois a vida da família, o tempo dedicado aos filhos, tudo está organizado em torno de um eixo central: o trabalho remunerado. (TIRIBA, 2018, p. 87)

O senso de comunidade que deveríamos ter para cuidar de nossas crianças e até de nós mesmos, está fragilizado. Não possuímos um sistema societário que possibilite a construção de um vínculo verdadeiro, mas sim de manutenção de mais capital, desconfiança e competitividade. Quem possui mais recursos, tem mais amparo e proteção, pois paga para que alguns trabalhos sejam executados, criando laços de moeda de troca e até mesmo exploração.

A movimentação para a mudança de sistema social e econômico deve surgir das pessoas que estão sendo exploradas e oprimidas, que são as maiores interessadas na mudança, já que não são beneficiadas pelo sistema capitalista vigente, que transforma tudo – a terra, a água, o ar que respiramos, os seres humanos – em mercadoria, e que não conhece outro critério que não seja a expansão dos negócios e a acumulação de lucros. (LOWY, 2013, p. 79)

O Ecosocialismo vem para apresentar uma solução para o caos que o mundo se encontra devido ao modelo econômico atual vigente, o capitalismo, responsável pelos problemas ambientais, sociais e até mesmo psíquicos. Para que possamos ter uma movimentação real quanto ao que vem acontecendo, precisamos que a solução seja “antissistêmica, isto é, anticapitalista.” (LOWY, 2014, p. 9)

O ecosocialismo surge no ano de 1970, com seus principais pioneiros sendo Manuel Sacristán (Espanha), Raymond Williams (Inglaterra), André Gorz (França), James O'Connor (Estados Unidos) e Frieder Otto Wolf (Alemanha). Uma filosofia recente que ganhou força com a publicação do Manifesto Ecosocialista Internacional (2001) e a fundação da Rede Ecosocialista Internacional (2007), esta corrente ganha em extensão, tanto na Europa como na América Latina. Como testemunham a Conferência Ecosocialista Europeia de Genebra e a Conferência Ecosocialista de Quito, Equador, ambas em 2014.” (Idem)

Diferentemente do socialismo que “é fruto da Revolução Industrial e viu a natureza como simples matéria-prima à disposição dos seres humanos” (TIRIBA, 2018, p.31), o ecosocialismo se apresenta como uma ruptura desses sistemas econômicos “que fizeram/fazem da natureza simples objeto de dominação, exploração, consumo e descarte.” (Idem)

Devido às grandes catástrofes ambientais, como aquecimento do planeta, queimadas, acúmulo de lixo, pandemias, dentre outras, podemos perceber que o planeta está colapsando. A teoria ecosocialista vem para desconstruir o que conhecemos como sistema econômico, político e social para construção de “um novo tipo de civilização, em ruptura com os fundamentos da civilização capitalista/industrial ocidental moderna.” (LOWY, 2014, p. 10). O ecosocialismo vem para romper com a lógica do mercado e do lucro, firmando suas bases no marxismo, mas levando em conta a preservação do meio ambiente, não apenas utilizando a natureza como objeto a ser administrado e dominado.

Baseando-se em duas questões centrais, o Ecosocialismo expõe:

- 1) O modo de produção e de consumo atual dos países capitalistas avançados, fundando numa lógica de acumulação ilimitada (do capital, dos lucros, das mercadorias), do esgotamento dos recursos, do consumo ostentatório, e da destruição acelerada do meio ambiente, não pode, de modo algum, ser expandido para o conjunto do planeta, sob pena de uma crise ecológica maior. Tal sistema, portanto, se fundamenta, necessariamente, na manutenção e no aumento da desigualdade gritante entre o Norte e o Sul.

2) Seja como for, a continuação do “progresso” capitalista e a expansão da civilização fundada na economia de mercado – mesmo sob forma brutalmente desigual – ameaça diretamente, a médio prazo (qualquer previsão seria arriscada), a própria sobrevivência da espécie humana. A preservação do meio ambiente natural é, portanto, um imperativo humanista. (LOWI, 2014, p. 46)

Apresentamos um caminho que acaba parecendo radical, mas na verdade só é visto dessa forma pelas pessoas que detêm as maiores riquezas, logo a minoria da população. É a crise de um modo de vida – cuja forma caricatural é o famoso american way of life, que, obviamente, só pode existir enquanto for privilégio de uma minoria – de um sistema de produção, consumo, transporte e habitação que é, literalmente, insustentável (LOWY, 2013, p. 80). É essencial para a construção de um futuro mais saudável, refrear e cortar pela raiz esse modelo de consumo fundado na ostentação, no desperdício, na alienação mercantil, na obsessão acumuladora, (LOWY, 2014, p. 48) reorganizar o modo de produção, para olharmos as reais necessidades da população e para a preservação do meio ambiente.

Pensando num planejamento que defina um novo modo de sociedade teremos que reestruturar o pensamento e modo de vida a fim de buscar realmente o bem comum. Assim, algumas estratégias necessárias para essa mudança podem ser pensadas de modo a contribuir para o bem viver. O primeiro item da lista, deve ser o modo de alimentação da população, pensando em plantas nativas e que se adaptem bem em cada região, frutas, legumes e verduras orgânicos em construção de hortas agroecológicas no bairro e em cada espaço de terra, “desconcretizar” a cidade buscando os alimentos de forma acessível para a população que ali vive e conter o desperdício de alimentos desenfreado, distribuir para quem precisa, reorganizar e dividir.

É necessário olhar a questão energética a fim de repensar a forma como a energia é distribuída e para quem se dá acesso, buscando o fornecimento distribuído de modo que todos possam usufruir de seus benefícios. Ensinar modos mais econômicos a longo prazo e mais condizentes com a preservação da natureza, utilizando energia solar e das marés, por exemplo. O sistema de transporte também precisaria passar por uma reorganização, e acredito que a forma de trabalho também caminharia junto com essa transição, necessitando que as pessoas possuam moradia e trabalho no mesmo bairro, podendo utilizar bicicletas e até mesmo indo a pé nessa locomoção diária. Os automóveis podem

ser movidos a energia elétrica e precisamos deixar de consumir a terra como matéria prima para obtenção de combustíveis. Então precisamos repensar quais medidas devemos tomar para reparar, o mais rápido possível, os gigantescos estragos ao meio ambiente deixados “como herança” pelo capitalismo. (LOWY, 2014, p. 48)

As medidas para implementar esse novo sistema que visam o bem-viver social, mental, físico e civilizatório são as maneiras de repensar a transformação do sistema vigente em um sistema ecossocialista. Assim sendo, o espaço para que ocorra essa transformação de pensamento crítico deve ser pensado nas escolas e universidades, com um olhar respeitoso com todos os seres vivos que habitam essa Terra e tendo a criança como protagonista desse processo.

7 A IMPORTÂNCIA DO ECOSOCIALISMO NA EDUCAÇÃO INFANTIL PARA CONSTRUÇÃO DE UM NOVO IDEAL PEDAGÓGICO

(...) a Constituição Federal, de 1988, afirma em seu artigo 225, § 1º, inciso VI, a necessidade e obrigatoriedade de promover a educação ambiental em todos os níveis de ensino, o que inclui a Educação Infantil. O assunto já estava previsto na Política Nacional do Meio Ambiente (PNMA), Lei 6.938, de 31 de agosto de 1981, e depois na Lei 9.795, de 1999, Política Nacional de Educação Ambiental (PNEA), que afirma a obrigatoriedade em todos os níveis do processo educativo, formal e não formal (GONÇALVES, 2021, p. 43).

Em conformidade com a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Lei 9394/96), foi criado o Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (RCNEI) (BRASIL, 1998) a fim de colaborar com a ação educativa neste primeiro segmento, oferecendo condições instrumentais e apoiando os processos de aprendizagem e desenvolvimento integral da criança.

O documento, no entanto, dá ênfase à ideia de proteção do mundo natural e não aborda o aspecto social do contato com a natureza. Apesar de apresentar “um eixo intitulado “Natureza e Sociedade”, os conteúdos são: a valorização de atitudes de manutenção e preservação dos espaços coletivos e do meio ambiente (BRASIL, 1998, p. 184). Não há princípios, objetivos e metas para a Educação Ambiental na Educação Infantil.

O plano para construir uma proposta de Educação Ambiental na Educação Infantil no Brasil precisa considerar a historicidade das desigualdades socioambientais diante da contradição entre o capital e a

vida, entre a propriedade privada e os comuns, ou seja, recursos e bens naturais e culturais necessários à vida e que, portanto, não podem ser convertidos em mercadorias. A urgência dos problemas extremos sociais e ambientais, característicos do século XXI, indica que a construção de políticas acerca das crianças e da natureza necessita ser anticapitalista (GONÇALVES, 2021, p. 271).

Pensando na construção desses espaços que corroborem para o anticapitalismo, precisamos observar dentro das escolas o quanto a natureza ainda se encontra no lugar da sujeira, do distante, das doenças, e precisamos quebrar esse paradigma, pois é na natureza que a real troca ocorre como forma de demonstração de afeto, de diversidade, de encontros e alegrias. Muito se associa as doenças ao clima, e ficamos no senso comum de que se aventurar num banho de chuva ou mangueira deixará a criança ou até nós mesmos doentes. Mas o que realmente adocece, é a falta de contato com o que nos rodeia, que nos constitui como comunidade, como seres cósmicos e energéticos do mundo.

A separação clara entre sujeito e objeto é a base dessa concepção de conhecimento: a ideia de que pertence aos humanos tudo o que não é humano – as terras, as águas, os vegetais, os animais, os minerais – decorre da separação artificial e brutal entre sujeito e objeto. Essa separação clara é uma expressão metodológica de uma concepção em que seres humanos e natureza estão divorciados. (TIRIBA, 2021, p. 224)

Observando a troca, o relacionamento dos povos tradicionais, com a natureza, é gritante o quanto ela não adocece e sim fortalece o espiritual, físico e emocional dos seres que ali se alimentam e compartilham experiências. Os povos indígenas que vivem nas florestas possuem muita saúde em comunhão com esse espaço natural, sendo apenas desarmonizados quando os *brancos* invadem esse espaço sagrado, contribuindo para o adoecimento dos povos originários. Para Rousseau (1978), foi a civilização quem trouxe os males do corpo, (*apud* TIRIBA, 2021, p. 88) é o capitalismo que adocece e impregna os males do mundo.

No âmago da rede de razões que definem um cotidiano distanciado da natureza está uma concepção de que as crianças precisam estar guardadas, protegidas: essa seria a função das instituições, exigida pelas famílias e que as educadoras, em grande medida, se submetem. [...] Assim, uma espécie de pacto entre as famílias e educadoras asseguraria a saúde das crianças, numa sociedade em que as mulheres estão nas fábricas, trabalhando, e não podem cuidar dos filhos em casa, pelo menos como cuidavam antes. No contexto de uma sociedade em que fundamentalmente cabe às mulheres o cuidado das crianças, agora cabe às educadoras essa tarefa! (TIRIBA, 2021, p. 145)

Agora precisamos romper com a superproteção, com a ação que nos faz inimigos do nosso meio, com o sentimento que nos foi inculcado de que a natureza machuca, é suja e precisa ser dominada. Além disso, precisamos romper com o discurso que a natureza é nossa fonte de matéria-prima e fonte inesgotável que podemos usufruir de qualquer modo, violentando o que nos cerca sem nem sequer pensarmos nas consequências dos nossos atos.

Esse objetivo pressupõe uma nova maneira de sentir e pensar a vida, em que a natureza é um organismo vivo: não se trata, portanto, de defender a vida sobre a Terra, mas de afirmar que a Terra é a própria vida. E nós somos parte desse grande organismo. Assim, não há um mundo que preexiste e independe de nossas ações, não há um ser que conhece e uma natureza a ser conhecida, não há separação entre nosso conhecimento do mundo e o que fazemos nele. Não há separação entre sujeito e objeto: ao nos movimentarmos no mundo, criamos um mundo e nos constituímos nele. (TIRIBA, 2021, p. 234)

Assim, Lima (2020) nos traz algumas estratégias para pensarmos uma educação ecossocialista:

- i) incluir, em todos os projetos, os conflitos ambientais relacionados às questões abordadas, fugindo de abordagens comportamentalistas e de soluções simplistas, que não questionam o sistema vigente;
- ii) desenvolver projetos de sustentabilidade voltados para realidades locais, a partir de aspectos sociais, ambientais, históricos e culturais;
- iii) entender as pandemias (como o COVID, a Zica, a dengue, a H1N1) como provenientes de políticas e práticas relacionadas à exploração do trabalho, à necropolítica, ao sucateamento e privatização de atividades essenciais e à destruição de ecossistemas;
- iv) descolonizar o pensamento, as práticas e os processos educativos ambientais, o que significa dialogar com saberes de povos originários, quilombolas, ribeirinhos, agricultores/as e movimentos sociais;
- v) construir uma ideia de sociedade fundamentada no respeito aos ciclos da natureza, aos direitos sociais, à dignidade e à vida humana;
- vi) articulação entre universidades, movimentos sociais, escolas e instituições de pesquisa.

Esses passos nos mostram que a mudança de pensamento e modo de agir é possível na sociedade em que estamos inseridos, pensando em movimentos que busquem a conexão com o cuidado e preocupação com nossos pares humanos e não humanos, visando a observação ativa dos reais problemas que nos desviam de uma sociedade possível e voltada para o sensível. Precisamos do debate entre profissionais da educação

e as famílias dessas crianças para estruturarmos o que todos pensam e nutrem sobre a educação, quais são as reais demandas que farão bem para o coletivo à curto e longo prazo, beneficiando a todos os envolvidos. As crianças são sujeitos de direitos, com opiniões e vontades que devem ser acolhidas e legitimadas, logo é fundamental para o seu desenvolvimento pleno: as brincadeiras nos espaços internos e externos às instituições, os movimentos amplos e os deslocamentos que lhes possibilitam o convívio com o mundo natural e social, as interações entre seus saberes e os conhecimentos que a humanidade vem construindo. (TIRIBA, 2021, p. 276)

Precisamos romper com o afastamento da comunidade “externa” dentro dessas instituições trazendo para os debates os familiares da criança, amigos, pessoas interessadas na educação, assim como aproximar quem não se sente pertencente desse espaço. Transpor os muros da escola se faz necessário, para proporcionar às crianças espaços de afetividade com passeios onde elas se apropriem dos espaços, de sua cidade, brincando ao redor de sua comunidade e escola. Precisamos trazer para o debate o conceito de limpeza superando o relacionamento que nos fez considerar que os elementos do mundo natural são sujos, provocam doenças, são perigosos e incontrolláveis. (Idem)

8 CONSIDERAÇÕES FINAIS

As leituras feitas durante o processo dessa pesquisa me ajudaram a pensar e repensar sobre meu processo educativo e profissional, fazendo com que eu pudesse compreender a forma como a sociedade está estruturada e como a educação está nesse processo extremamente conectada, a ponto de corroborar para o sistema capitalista que estamos inseridos e mesmo violentar, separar, destruir, a natureza em nós e nos seres vivos, em prol do capital.

As crianças, como integrantes da sociedade, da cultura e da natureza são cada vez mais necessárias para a transformação do sistema econômico capitalista, social e emocional. Precisamos, principalmente, nas escolas e em todos os ambientes, alertá-las acerca da importância do cuidado, do estar presente, da relação que devemos ter com os seres vivos que habitam o planeta e com toda a biodiversidade que encontramos ao nosso redor, valorizando a criatividade e reinventando nossa noção de cuidado.

A valorização da infância deve estar pautada no dia a dia escolar, com estratégias e caminhos para que esse indivíduo se sinta pertencente ao mundo e se encontre em sinergia com o Planeta, no intuito de harmonização e completude com o que nos está presente. Precisamos “reconectar-nos com a natureza; desemparedar; dizer não ao consumismo e ao desperdício; redesenhar os caminhos de conhecer, dizer sim às vontades do corpo e aprender-e-ensinar a democracia.” (TIRIBA, 2021, p. 188)

As famílias dessas crianças também precisam fazer parte desse processo. Precisamos desse apoio mútuo para que uma real transformação ocorra a ponto de criarmos um ambiente colaborativo e amoroso, como sugestão ao desperdício que violenta e separa. Temos que utilizar estratégias e manobras para aproximar e construir um espaço de trocas, tanto de ideias como de objetos, reduzindo o consumo desenfreado e religando, reconectando, dando espaço para a criação de vínculos e afetividade.

Também é importante libertar esses corpos que estão controlados e quase que imutáveis, trazer para nossa prática atividades e espaços para a desconstrução do corpo, do movimento, da liberdade da expressão corporal, trazendo danças, dramatizações, arte cada vez mais presentes nos espaços que estamos inseridos. Porque o corpo e a sexualidade não são privilegiados pela escola, podemos contribuir para que as crianças criem “a dança de cada um”, isto é, “o jeito de ser, que é, em outros termos, a expressão de nossa psiquê, de nossa alma. (TIRIBA, 2021, p. 254)

Romper com esse modo de educar, que é controlado pelo capital, a fim de formar pessoas para determinados trabalhos de acordo com a classe social, onde os mais pobres virão, na maioria das vezes, mão de obra barata para a indústria, é um desafio enorme! Mas possível de ser realizado com uma abertura para a mudança, para o pensamento coletivo, formação continuada e formação dentro das universidades, sendo mais voltada para a sociedade equânime e equilibrada tanto financeiramente, quanto em questões mais importantes de saúde física e mental.

As escolas são o palco para que essas mudanças possam ocorrer. Libertar as crianças é urgente, fincar os pés no chão, sentir a terra, a água, o vento e tudo o que possa nos atravessar, sentir é primordial para a reconexão dos seres com a natureza. Lembrarmos que nossos corpos são vivos e merecem receber carinho e cuidados, trazer para a sala de aula atividades em que as crianças são consideradas protagonistas da

aprendizagem, onde possam exercitar a curiosidade, experimentação, e problematizar o que ali está exposto. Buscar pedagogias ancestrais com os povos originários, são estratégias que precisamos com urgência incrementar em nossa prática diária.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CRAIDY, Carmem Maria; KAERCHER, Gládis Elise P. da Silva. **Educação Infantil: para que te quero?** Porto Alegre: ARTMED, 2007. Disponível em: https://books.google.com.br/books?hl=pt-BR&lr=&id=XB5009zOZTQC&oi=fnd&pg=PA27&dq=desenvolvimento+infantil&ots=QBmD_JNqE6&sig=qbgG33GX1WKfPUL1Nda2CjUvPTY#v=onepage&q&f=false.

GONÇALVES, Patrícia Martins. **O DISCURSO “CRIANÇA E NATUREZA”:** uma análise crítica da construção da Educação Ambiental na Educação Infantil. Tese de doutorado apresentada ao programa de Pós Graduação em Educação da UFRJ. Rio de Janeiro, 2021.

LIMA, Maria Jacqueline S. Girão. **ECOSocialismo ou barbárie? Apontamentos em tempos de pandemia.** 2020.

LOWY, Michael; **CRISE ECOLÓGICA, CRISE CAPITALISTA, CRISE DE CIVILIZAÇÃO:** a alternativa ecosocialista. **Caderno CRH**, Salvador, v. 26, n. 67, jan./abr.2013.

LOWY, Michael. **O que é ecosocialismo?** São Paulo, 2ª ed., 2014.

TIRIBA, Lea. **Desemparedamento da infância: a escola como lugar de encontro com a natureza.** Rio de Janeiro, 2ª ed. jul./2018.

TIRIBA, Lea. **Educação Infantil como direito e alegria.** Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2ª ed., 2021.

PILOTO, Cris. **COLETIVO COLA CACO: um breve olhar do trabalho de Educação Ambiental pelo voluntariado social.** Rio de Janeiro, 2018.